

# Baixos índices de candidatos faz infidelidade partidária aumentar

por João Alexandre Lombardo  
de Brasília

A marcha da campanha presidencial e a dificuldade que algumas candidaturas vêm encontrando para "decolar" estão fazendo crescer, dentro do Congresso, o número de deputados e senadores que, filiados a determinados partidos, posicionam-se a favor de candidaturas presidenciais de outras siglas. Apelidados de "infiéis" — por desrespeitarem o princípio da fidelidade partidária —, esses parlamentares, aliados a prefeitos e vereadores, além de ameaçar contribuir para a corrosão de algumas candidaturas, demonstram a fragilidade do atual quadro partidário brasileiro.

O PMDB, o PFL e o PDS são os partidos que enfrentam, no momento, maiores problemas de infidelidade. Os baixos índices de intenção de votos para os candidatos Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves têm desestimulado seus correligionários. Há também casos de divergências quanto às candidaturas em si. No PDS, por exemplo, o senador Jarbas Passarinho deixou a presidência do partido por não concordar com a candidatura de Paulo Maluf. O deputado catarinense Konder Reis também manifestou apoio ao candidato Mário Covas, do PSDB, pelo mesmo motivo. O fato é que, com exceção dos pequenos partidos e das agremiações mais ideológicas, todos os demais partidos enfrentam hoje problemas de infidelidade partidária.

O PMDB vinha demonstrando certa indiferença com relação aos "infiéis". Há cerca de uma semana, porém, o candidato do partido à Presidência da República, Ulysses Guimarães, considerou uma infração ao estatuto do partido o apoio de pemedebistas a outras candidaturas. O crescimento do número de infiéis ameaça prejudicar sua candidatura.

Em Minas, por exemplo, a vice-governadora Júnia Marise apoia o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. O PRN é um dos

partidos mais beneficiados pelos "infiéis". Ele tem como aliada a deputada Márcia Kubitschek (DF), filha do ex-presidente Juscelino Kubitschek e importante cabo eleitoral na sucessão. Filiada ao PMDB, Márcia participa de comícios ao lado de Fernando Collor. Há também as indefinições dos governadores Tasso Jereissati, do Ceará, e Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte.

Em Pernambuco, os deputados Maurílio Ferreira Lima e Oswaldo Lima Filho já declaram apoio à candidatura do petista Luiz Inácio Lula da Silva. "Aprendi a ser infiel com Ulysses Guimarães", justifica Maurílio. Ele afirma que na eleição municipal de 1985, Ulysses apoiou a candidatura de Jarbas Vasconcelos — hoje presidente do PMDB — que se filiou ao PSB na época. Vasconcelos derrotou o candidato do PMDB, Sérgio Murilo.

"Esse é um problema de falta de vergonha na cara", afirma irritado o líder do PDS na Câmara, Amaral Netto, ao falar da infidelidade partidária.

"O oportunismo é deslavado em muitos casos", comenta o líder do PFL, senador Marcondes Gadelha (PB), que apoia a candi-

datura Aureliano Chaves, mas vê setores de seu partido transferindo apoios a, por exemplo, Fernando Collor de Mello. E o caso do senador Carlos Chiarelli (RS) e do deputado Alcení Guerra (PR), além do prefeito do Recife, Joaquim Francisco, que vem conversando com Collor. Gadelha, porém, é contra a fidelidade partidária. "Ninguém está obrigado a se manter atrelado a uma situação que não lhe agrade ou convenha", declarou, acrescentando que cabe ao eleitor julgar uma mudança de partido, de um político. Até mesmo o PSDB de Covas tem problemas nesse campo. Descontente com a escolha do ex-governador Roberto Magalhães para vice de Covas, a deputada Cristina Tavares aderiu à candidatura do ex-governador Leonel Brizola. A desistência de Magalhães não a fez mudar de posição. Por problemas regionais, o PDT acompanhou há duas semanas dois encontros entre Collor e o deputado e economista César Maia. O deputado não "colloriu", mas o PDT passou por um momento delicado.

Acompanhando tais acontecimentos, o PT orgulha-se de não ter infiéis em seus quadros. Em

1985, o partido puniu com expulsão os deputados José Eudes, Aírton Soares e Beth Mendes, que, contrariando decisão partidária, votaram em Tancredo Neves no colégio eleitoral. O PDS e o PMDB também prevêm, em seus estatutos, a expulsão para os filiados que não acatam as decisões partidárias. Os dois partidos, porém, não parecem dispostos a executar punições, pelo menos neste momento de campanha.

Paralelo à infidelidade partidária, o País assiste a um troca-troca de partidos, neste momento. Por exemplo: O ex-governador Roberto Magalhães deixou o PTB para sere vice de Covas no PSDB. Depois, deixou o partido. O ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, desligou-se da presidência regional do PSDB de Sergipe para filiar-se ao PSD e ser vice na chapa com o presidenteável Ronaldo Caiado. Há também o caso do senador José Paulo Bisol, que, depois de deixar o PMDB para filiar-se ao PSDB, também deixou este partido para ser o vice de Lula, pelo PSB. Um quarto caso é o do deputado Renan Calheiro, que também saiu do PMDB para filiar-se ao PSDB e hoje é o articulador político de Collor, no PRN.